

Lixo nas ruas


Quando vamos parar (de jogar)?

COLUNA ZERO



Toneladas de lixo são recolhidas diariamente nas ruas do Rio de Janeiro

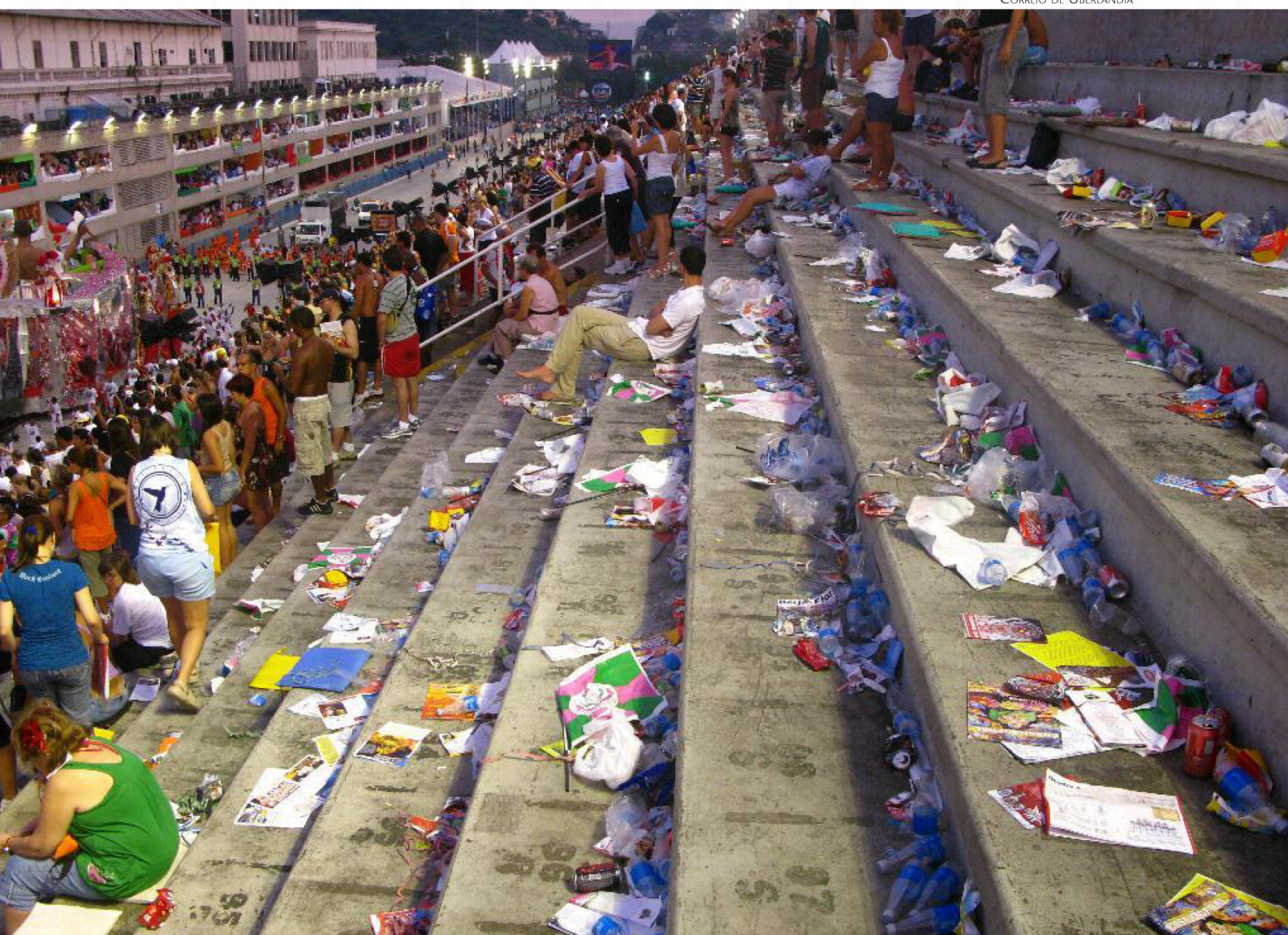
RICARDO ABREU E FÁBIO DE ALMEIDA

 Toneladas de lixo são jogadas no chão em apenas um dia útil nas ruas da Gávea, bairro nobre da zona sul da cidade. Quem pensa que esses são dados utópicos está muito enganado. A quantidade de pessoas que tornaram um hábito jogar lixo no chão cresce a cada dia. Atirar na rua o plástico que envolve o maço de cigarros, por exemplo, já é costume mais do que aderido por muitos. Tampas de garrafas,

anéis de latinhas, guimbas de cigarro e muitos outros são os objetos que, na palma de uma mão sequer pesam, mas que reunidos, entupindo um bueiro de uma rua fazem um grande estrago.

Falta de lixeiras: a culpa de todos os problemas?

Muitas pessoas culpam a longa distância entre uma lixeira e outra para justificar o lixo no chão. No entanto, na maioria dos bairros da zona sul e muitos da zona norte, a distância, em metros, entre uma lixeira e outra não ultrapassa 80 me-



Samba e porcaria

tros. Porém, há de se levar em conta a falta delas nas áreas mais carentes. Na Cidade de Deus, por exemplo, a doméstica Zuleica Reis de Santana diz ter que caminhar mais de 15 minutos para encontrar um lugar para jogar seu lixo fora. “Eu sei que não está certo, mas na falta de lugar, jogo sempre no canto do riacho que corta minha rua. É onde todos jogam”, explica Zuleica. Segundo a assessoria de imprensa da Comlurb (Companhia de Limpeza Urbana) a falta de lixeiras em determinadas áreas se deve por conta do vandalismo. A prefeitura, segundo a assessoria, instala lixeiras em todas as ruas, mas vândalos as destroem. O jogo de argumentos não tem fim assim como o grande problema vindo do excesso de lixo acu-

mulado. “Quando chove, entope tudo aqui. A água chega no joelho e vive aparecendo rato. Sem contar no foco da dengue que é forte, né”, diz Antônio Moraes, chefe de obras e marido de Zuleica.

Não é preciso sair do ambiente universitário na zona sul para perceber ações que fazem toda a diferença nas ruas. Ao sair da PUC-Rio, é enorme a quantidade de papéis jogados no chão, desde embalagens de canudos até panfletos. Estes, sempre distribuídos ininterruptamente nos portões da universidade para promover algum evento. “É horrível. Às vezes, não dá nem para jogar no

“O carioca precisa ser menos porco”

Eduardo Paes,
prefeito do Rio



A Comlurb não consegue dar conta do recolhimento do lixo atirado nas ruas

lixo, porque eles te entopem de papel e todas as latas já estão lotadas”, se explica Rafael Diccilio, estudante de Desenho Industrial, que logo à frente, depois de ser entrevistado, largou seu panfleto em um dos bancos da universidade.

Nas areias das praias, o jogo de empurra

Chega ao fim mais um dia de sol. Quando o relógio se aproxima das 16h, é hora dos garis entrarem em ação. E as areias cariocas são o lugar com maior concentração de lixo deixado

por banhistas. É comum tropeçar em um coco ou pisar perigosamente em um palito de queijo. Os cariocas reclamam da Prefeitura, mas basta observar o trabalho dos 200 homens da Comlurb para observar que não é baixo o número de toneladas (chega a 180) de lixo recolhido nas praias. A psicóloga Cléa dos Reis explica que a comodidade faz a ação ser tomada pela pessoa que joga o seu lixo no chão. “O indivíduo pensa logo no que é mais fácil. Mas na verdade, se você observar o comportamento destas pessoas, você nota que elas tentam enganar a elas

mesmas quando jogam algo no chão. Pode-se notar que é algo disfarçado, no caso dos que tiveram educação. Infelizmente, há também os que não ligam para aquilo e jogam até achando graça. Creio que parta mesmo da educação que cada um recebe em casa”, comenta Cléa. Para o prefeito Eduardo Paes esse é o grande ponto. No início de seu mandato, Paes afirmou que “o carioca precisa ser menos porco”. O prefeito mandou instalar em regiões administrativas da cidade do Rio de Janeiro aparelhos batizados como “Lixômetros”, que contabilizam a

quantidade de lixo produzido e jogado nas ruas pelo carioca.

Blocos de lixo

O carnaval carioca é um dos mais famosos do mundo. Mas, ao longo dos anos, esse é um período alarmante no que diz respeito à quantidade de lixo jogado na rua. É o período do ano onde as ruas ficam mais sujas. Em 2011 foram produzidas mais de 1.300 toneladas de lixo durante o período carnavalesco, a maior parte dele concentrado nos bairros de Ipanema e Leblon, onde a quantidade de blocos aumenta a cada ano.

Apesar disso, o carioca pode renovar suas esperanças. O balanço de 2012 foi positivo. Segundo a Comlurb, o volume de lixo recolhido caiu 23%, totalizando um número aproximado de 1.000 t. Esse dado é ainda mais positivo se for levado em conta a quantidade recorde de foliões nas ruas do Rio de Janeiro. Nada mais, nada menos que 5,3 milhões de pessoas curtiram o carnaval da Cidade Maravilhosa.

A redução da sujeira no carnaval desse ano não é à toa. Para o secretário de Conservação Pública do Rio de Janeiro, Carlos Roberto Osório, além da conscientização da população, o diferencial deste ano foi a quantidade de lixeiras móveis, que dobrou, passando para 1,2 mil. “Pela primeira vez na história do Carnaval se registra menos lixo diante do aumento de público”, completou.

Segundo a Comlurb, outro fator determinante para a redução do lixo deste ano, foi uma par-



Flagrante de um porcalhão livrando-se do seu lixo

ceria da Prefeitura do Rio com cooperativas de catadores de latinhas de alumínio, que compõem boa parte do volume de lixo do carnaval.

Dados que dão esperança, e que ao mesmo tempo mostram que a conscientização de cada um é o passo mais importante.

Lixo causa enchentes

Entra ano e sai ano e uma das grandes preocupações da população é a chuva de verão. Todos os anos, centenas de pessoas morrem devido a desabamentos, enchentes e a outros desastres naturais. O lixo é um problema que agrava significativamente a situação. Boa parte da sujeira das ruas acaba indo para os bueiros, entupindo essas saídas de água e alagando as ruas da cidade.

As enchentes são tragédias naturais, mas que podem ser evitadas ou minimizadas. Elas provocam doenças, perdas

materiais e morte. O lixo não coletado ou jogado na rua, terrenos baldios, nas margens dos rios e nos valões é um dos grandes vilões que contribuem muito para o agravamento das enchentes.

O gari Antônio Machado da Silveira trabalha há quatro anos no Rio de Janeiro e afirma que cada dia que passa tem mais trabalho. Silveira diz que o povo suja mais do que antigamente. “Às vezes o cidadão joga lixo na rua mesmo com uma lixeira ao lado, ele não se importa, só quer se livrar do incômodo”.

Além da preocupação natural com a sujeira, Silveira concentra seu trabalho em desobstruir os bueiros e saídas de água das ruas do Rio. “Tem ruas que alagam a cada chuvinha, e os bueiros não podem ficar entupidos com lixo senão a situação fica bem problemática”.

Mas se engana quem pensa

que somente os que jogam lixo na rua contribuem para alagamentos. Quando se joga lixo nos rios, estamos também colaborando para a ocorrência de enchentes, pois além de assoreamentos dos rios, o lixo pode ficar preso nas estruturas de pontes e passarelas, formando verdadeiras barragens para a passagem da água.

Produção de lixo cresce seis vezes mais que população

Um estudo divulgado pela Abrelpe – Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais Sólidos no Brasil, referente ao ano de 2010, trouxe más notícias aos brasileiros. A pesquisa apontou para um dado preocupante: a produção de lixo no país cresceu seis vezes mais do que a população. A cada ano em média é produzido um volume de 61 milhões de toneladas de lixo no Brasil. Cada brasileiro produz em média 378 kg de lixo.

Apesar disso, há também boas notícias. O estudo apontou resultados positivos. O volume de lixo coletado pelos serviços públicos de limpeza no país cresceu 7,7%, com relação a 2009. Além disso, também cresceu a quantidade de iniciativas de coleta seletiva. Atualmente, 57% dos municípios brasileiros possuem projetos de coleta seletiva, embora os percentuais regionais ainda sejam bastante desiguais: cerca de 80% das cidades do Sudeste possuem tais iniciativas, contra menos de 30% no centro-oeste.



Gari Antônio Machado da Silva.

Valores altos que poderiam fazer a diferença em outros setores

Segundo dados da Comlurb (Companhia de Limpeza Urbana) de 2010, a cidade do Rio de Janeiro gasta, em média, R\$ 400 milhões por ano para remover cerca de 1,2 milhão de toneladas de lixo atiradas nas ruas. Com todo esse dinheiro, seria possível construir 20 escolas, 10 hospitais e manter 9 mil policiais militares por ano.



Varre, vassourinha

Você sabia que a Avenida Rio Branco, uma das principais vias de passagem dos cariocas, é varrida seis vezes ao dia e, ainda assim, sempre aparenta estar coberta de lixo?